

## Rita Von Hunty: visibilidade midiática e engajamento político em uma *Drag Queen*<sup>1</sup>

Tarcyanie Cajueiro SANTOS<sup>2</sup>  
Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo

Francisco SIRTORI<sup>3</sup>  
Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo realizar um estudo exploratório sobre a *drag queen* Rita Van Hunty, buscando compreender de que forma ela se apresenta e é visibilizada midiaticamente. Para tanto, nos apoiamos em um levantamento documental no qual analisamos, em uma abordagem qualitativa, os conteúdos de reportagens publicados sobre ela na internet. O referencial teórico utilizado se baseou nos estudos de gênero em Judith Butler (2003) e Louro (2018). De modo geral, constatamos que Rita é apresentada como um ato político e estético em virtude tanto de sua performance identitária que borra as fronteiras binárias de gênero, quanto por se colocar como uma intelectual, que visa ser uma agente transformadora da sociedade, através da professora artista *drag queen*.

**PALAVRAS-CHAVE:** estudos de gênero, identidade e representação; Drag Queen; Rita Von Runty.

### INTRODUÇÃO

A internet é uma “ágora” (MARCONDES FILHO, 2001), um “não-lugar” (AUGÉ, 2012), no qual abundam modos de existência que reivindicam seus lugares, ressignificando esse espaço e se tornando visíveis aos olhos de inúmeros(as) usuários(as). Entre tantas possibilidades de expressão presentes na internet, as redes sociais aparecem como um espaço para a realização de interações entre os usuários(as) através da criação e compartilhamento de conteúdos e co-criação de vídeos, destacando-se desde os grandes produtores de conteúdo e/ou entretenimento, como canais de televisão e gravadores aos youtubers. Assim, o conteúdo gerado pelo usuário e o conteúdo copiado pelo usuário se

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do corpo e Gêneros, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, Uniso. tarcyaniecs@gmail.com

<sup>3</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, Uniso. franciscosirtori@gmail.com

---

destacam nestas plataformas, sendo os vlogs formas dominantes de conteúdo gerado por usuários e fundamentais para o sentido de comunidade, de acordo com Burgess e Green (2009).

No Brasil, o YouTube é considerado o segundo endereço na web mais acessado e o terceiro site de rede social mais utilizado, sendo a maior plataforma de vídeos online e de streaming existente na atualidade, que conta com mais de 1,9 bilhão de usuários inscritos. Lançado em 2005, a plataforma conta com mais de 1,5 bilhão de usuários ativos todos os meses, que passam, em média, uma hora e 15 minutos assistindo a vídeos todos os dias. De acordo com Pereira<sup>4</sup> “400 horas de conteúdo novo são postadas no site. E somente no Brasil, 80% dos internautas acessam o YouTube diariamente”.

Entre os(a)s inúmeros(as) youtubers brasileiros (as), Rita Von Hunt nos chamou atenção por ser uma *drag queen* com grande visibilidade midiática, possuindo um canal, chamado “*Tempero Drag*”, no qual dá aulas e procura politizar os inscritos (as), trabalhando temas como feminismo, empoderamento e LGBTfobia. Além do YouTube, Rita também tem um canal no instagram, é uma das três apresentadoras do reality brasileiro, *Drag Me as a Queen*, do canal E, é colunista da Carta Capital e dá cursos em todo o Brasil com temas sobre política, filosofia e sociologia. Rita, persona do ator e professor Guilherme Terreri, é considerada por ele como uma ferramenta política usada para dialogar com um público muito grande. Isso porque, segundo ele, enquanto forma de expressão artística, ser drag trás à cena conceitos como performance e empoderamento, recriando signos estigmatizados que ganham outro valor e são resignificados. Rita vem chamando a atenção da mídia, sendo pauta de inúmeras reportagens, entrevistas e programas de televisão, lives em diversos canais no Youtube.

Rita pertence a um fenômeno recente que é da expansão cultural drag nos espaços midiáticos, que ocorre de forma mais ampla e articulada nas mais variadas formas de consumo cultural, que vão desde a música, passando por reality shows e canais no Youtube. Por se tratar de uma pesquisa de caráter exploratório, a metodologia se baseou em um levantamento documental na internet, em sites de variados veículos midiáticos sobre Rita Von Hunt, em seu canal “*Tempero Drag*” e em suas participações em canais no Youtube, buscando refletir criticamente como as visibilidades desta Drag queen são

---

<sup>4</sup> “Conheça a história do YouTube e saiba mais sobre a evolução dessa plataforma”, 20 abr. 2020. Disponível em: <https://blog.hotmart.com/pt-br/historia-do-youtube/#:~:text=S%C3%A3o%20400%20horas%20de%20conte%C3%BAdo,plataformas%20de%20marketing%20e%20publicidade>.

---

promovidas e quais os sentidos lhes são atribuídos. Também foram realizados levantamento bibliográfico de trabalhos científicos sobre o tema drag queen no google acadêmico. A análise do material tem como base o tensionamento com o referencial teórico adotado, que compreende gênero como efeito que se manifesta em um regime de diferenças, sendo a identidade uma experiência performativamente constituída.

Ao pressupor que o real não é quantificado, a pesquisa qualitativa trabalha com “o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações sociais, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 1994, p.21-22). Este artigo alicerçado sobre esse pressuposto divide-se metodologicamente em três momentos: no primeiro, tendo em conta a dificuldade de se definir drag queen, procuramos abordar este termo através dos estudos queer, especificamente Louro (2018) e Butler (2003). No segundo momento, por meio levantamento bibliográfico sobre o tema drag queens, buscamos a partir de um breve contexto histórico traçar uma visão aproximativa sobre o fenômeno. O terceiro momento se apoia em um estudo de caso das visibilidades midiáticas em fontes consideradas institucionalizadas quanto nas alternativas sobre Rita Von Runty, seu canal e algumas participações da mesma em outros canais do Youtube, cujo levantamento de dados compuseram o *corpus* da pesquisa.

## **GÊNERO E ESTUDOS QUEER: O (ENTRE) LUGAR DAS DRAGS**

Guacira Louro, começa seu livro, *Um corpo estranho* (2018), escrevendo sobre as viagens, de como elas impelem às transformações por meio de movimentos, encontros, misturas e desencontros. A viagem é utilizada por esta autora como uma metáfora para pensar caminhos, pelos quais os sujeitos percorrem por entre lugares e culturas. Há viagens de todo tipo, inclusive aquelas que são forçadas induzindo os/as viajantes a uma espécie de limbo, de exílio, um lugar do entre que subverte as separações e os limites. Como nômades, há aqueles/as que não se fixam em lugares, renunciando qualquer sentido de identidade fixa, estando em uma região de encontros, cruzamento e tensionamento. Para Louro, as *drags queens* não apenas desafiam a fronteira regida pela matriz heretosssexual, como também a subvertem ao parodiar o modelo sobre o qual se estrutura e a normatização que a rege, tornando visível a arbitrariedade das divisões, dos limites e das separações.

---

Em sua “imitação” do feminino, uma drag queen pode ser revolucionária. Como uma personagem estranha e desordeira, uma personagem fora da ordem e da norma, ela provoca desconforto, curiosidade e fascínio [...]. A drag escancara a construtividade dos gêneros. Perambulando por um território inabitável, confundindo e tumultuando, sua figura passa a indicar que a fronteira está muito perto e que pode ser visitada a qualquer momento. Ela assume a transitoriedade, ela se satisfaz com as justaposições inesperadas e com as misturas. A drag é mais de um. Mais de uma identidade, mais de um gênero, propositalmente ambígua em sua sexualidade e em seus afetos. Feita deliberadamente de excessos, ela encarna a proliferação e vive à deriva, como um viajante pós-moderno. (LOURO, 2018, e-book sem numeração de página).

As *drag queens* estão associadas a um trabalho artístico com a elaboração de uma personagem caricata e luxuosa, que satiriza sua própria sexualidade e suas manifestações por meio de adereços e de uma performance estilizada expressa através de artes performáticas como a dança, a dublagem e a encenação de pequenas peças. Seus corpos, vestidos de forma caricata como uma mulher, também são modificados pelo gesto, linguagem e voz que exageram uma femimilidade ideal, subvertendo o modelo que copia. As drags são artistas performáticas e não uma identidade de gênero, diferentemente das travestis, por exemplo, que “utilizam próteses de silicone e hormônios na constituição de seus corpos femininos, permanecendo travestidas em seu cotidiano, e não o fazem de maneira exagerada e caricata” (CHIDIAC & OLTRAMARI, 2004, p. 472). Também diferem da Crossdresser, que geralmente são homens heterossexuais, casados e que “frequentemente se veste, usa acessórios e/ou se maquia diferentemente do que é socialmente estabelecido para o seu gênero, sem se identificar como travesti ou transexual” (JESUS, 2012, p.10).

Gênero é entendido a partir do modo como as pessoas se reconhecem através de suas ações e práticas sociais. “Identidade de gênero e orientação sexual são dimensões diferentes e que não se confundem. Pessoas transexuais podem ser heterossexuais, lésbicas, gays ou bissexuais, tanto quanto as pessoas cisgênero” (JESUS, 2012, p.14).

Drag queen não é um gênero, mas uma performance de gênero realizada por um/a profissional, que ao assumir uma identidade performativa estereotipada imita o mito da originalidade da identidade de gênero, delocando o seu significado. “A *performance* do *drag* brinca com a distinção entre a anatomia performista e o gênero que está sendo performado [...]. Ao imitar o gênero, o drag revela implicitamente a estrutura imitativa do próprio gênero- assim como sua contigência” (BUTLER, 2003, p.196).

Os atos parodísticos, especialmente os das drags, são uma encenação ou imitação da identidade de gênero, que denunciam seu caráter fictício expondo sua arbitrariedade, satirizando com ela, subvertendo-a. Ou seja, segundo Butler (2003, p. 39), os gêneros que não se conformam às normas de matriz heterossexual expõem seus limites e objetivos reguladores, desestabilizando suas categorias naturalizadas, ao impor em seu lugar, matrizes rivais e subversivas de desordem do gênero. Ao parodiar o feminino, a drag queen expõe o caráter artificial do gênero, mostrando que todas identidades de gênero são uma encenação.

Segundo Butler (2003), as identidades de gênero são todas performativas, pois são (re)produzidas como efeito de poder pela linguagem e pelo discurso. O sujeito não é uma substância, mas um termo em processo, pois suas ações não partem propriamente de si mesmo, mas das relações culturais que o permeia. De acordo com a definição da performatividade de gênero:

O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser. A genealogia política das ontologias do gênero, em sendo bem sucedida, desconstruiria a aparência substantiva do gênero, desmembrando-a em seus atos constitutivos, e explicaria e localizaria esses atos no interior das estruturas compulsórias criadas pelas várias forças que policiam a aparência social do gênero (BUTLER, 2003, p. 59).

Nesta concepção, a coerência da identidade de gênero é uma construção fictícia, que pressupõe uma relação causal entre sexo, gênero e desejo. Butler (2003) defende que a matriz de normas de gênero atua a partir de discursos de poder que cria gêneros inteligíveis: aqueles que possuem coerência entre sexo, gênero, prática sexual e desejo, dados como naturalmente heterossexuais; e dotados, de forma naturalizadas, as características de feminilidade ou masculinidade. Desse modo, “a coerência e a continuidade da pessoa não são características lógicas ou analíticas da condição da pessoa, mas, ao contrário, normas de inteligibilidade socialmente instituídas e mantidas” (BUTLER, 2003, p. 38).

Nessa perspectiva, tudo o que foge dessa matriz hegemônica binária heteronormativa é considerada abjeto (*queer*), porque desvia e provoca o borramento de fronteiras. Transsexuais, travestis, crossdresser, transformista ou e drag queens ou drags kings, ao viverem experiências de deslocamento inventando novas formas de viver e se

---

expressar, fogem ao instuído, performando identidades cujas práticas parodíxíticas geram efeitos disruptivos no real na medida em que o gênero passa a ser apresentado com o um ato aberto a cisões:

Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis e drags. É o excêntrico que não deseja ser ‘integrado’ e muito menos ‘tolerado’. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do ‘entre lugares’, do indecível. Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina (LOURO, 2018, e-book sem numeração de página).

Vejamos, então, como a subversão a esses padrões binários heteronormativos se manifestam na drag queen ao romper com a ideia essencialista de identidades fixas e ontológicas. Uma breve contextualização deste artista performista, apontando a uma transformação na linguagem do transformismo, será o pano de fundo do próximo tópico para pensarmos a dificuldade de tentarmos estabelecer um conceito para compreendê-lo, pois como bem explicita Bragança (2019, p.52), “Drag não é apenas um termo, mas um movimento”.

### **DRAG QUEENS: VISIBILIDADES, PERFORMANCES E GÊNERO**

A a performance *drag* é muito antiga, remontando a diferentes contextos históricos e culturas como, a grega, japonesa, indiana ou tailandesa, quando os homens faziam papéis de mulheres no palco. Dependendo do contexto histórico e da cultura envolvida, a arte drag tem sido performada e recebida de diversas formas apesar de existir variações no tocante a sua performance e função, a questão do estranhamento sempre foi uma característica marcante nessa forma artística<sup>5</sup>. Segundo Bragança da Fonseca (2019, p.31), é apenas na virada do século XX que as drags queens ganham contornos próximos da atualidade e se tornam “[...] a coqueluche dos palcos e a atração cômica mais carismática do início do século XX”, com a figura da dama pantomímica, que “abrigava uma alta variação de personas e incluía elementos do clown, da comédia stand up e do canto popular”. Ainda conforme este autor, com a Primeira Guerra Mundial,

---

<sup>5</sup> Autores como Manajás (2019), Bragança da Fonseca (2019), Bragança (2019) traçam um percurso histórico sobre o surgimento e as transformações de drags queens.

“começa a crescer um movimento anti-homossexual que se proliferou em toda a mídia impressa e colocou as drag queens no anonimato por mais de uma década”. Nos anos 1950 e 1960, com o advento da televisão, da cultura pop, dos movimentos feminista e gay, surgiram novas drags queens que assumiram um papel de transição entre a dama pantomímica e a nova era de personificação feminina, conforme. As transformações das mulheres que incorreram em uma maior liberalização, inclusive de seu visual, provocou mudanças nas performances artísticas das drags, que personificavam grandes estrelas em seu repertório com canto, dança e improviso. Até os anos 60, as drags estavam divididas entre as que criavam a personagem cômica e as que se espelhavam nas grandes divas do pop. Contudo, à temática da diversão se juntará a temática política e social, pois a performance artista passa a ser vista como um ato político e a drag queen se torna um dos maiores símbolos da luta pelos direitos gays. Nesse momento, as drags deixam os espaços circunscritos onde se apresentavam e passam a se inserir na indústria midiática:

Durante as décadas de 70 e 80, as drag queens não só se resumiram a aparições em show em bares, mas alcançaram o rádio, a televisão, a Broadway – musicais como *Alô, Dolly!* e *A gaiola das loucas* – e o mundo do cinema. Nos filmes, não só participariam em drag, mas como tema condutor da narrativa: *Priscilla, a rainha do deserto*; *Para Wong Foo, obrigada por tudo!* – Julie Newmar; *Tootsie*; a versão cinematográfica de *A gaiola das loucas*; *Quanto mais quente, melhor*; e *Uma babá quase perfeita* são exemplos de filmes que abordam o tema drag queen (AMANAJÁS, 2016, p.17).

Quando voltamos os olhos ao Brasil, descobimos que a atuação e presença da drag queen é antiga, estando associada com shows em casas noturnas desde os anos 70, mas podemos acompanhar sua possibilidade de aparecimento muito antes, com as suas antecessoras, as transformistas, cujas apresentações ultrapassaram o ambiente LGBT, na medida em que conquistaram visibilidade midiática e valorização artística com suas apresentações em teatros e televisão. Essa abertura do cenário musical e teatral brasileiro acabou sendo um dos maiores propulsores para a entrada das transformistas na televisão. “O programa *Show de Calouros*, no ar a partir de 1977 no SBT, criou uma categoria específica para essa performance. O concurso das transformistas virou, então, um dos maiores destaques do programa” (BRAGANÇA, 2019, p.533). O documentário *Divinas Divas* lançado em 2017, dirigido por Leandra Leal, ao mostrar a trajetória artística de oito artistas lendárias e pioneiras travestis desde a década de 1960, indica um contexto paradoxal no qual a opressão institucional da ditadura militar se bate com as linhas de força de uma cultura experimental e libertária.



---

Segundo Bragança (2019), o advento da AIDS e sua associação à comunidade LGBT, então, acabou esvaziando o ambiente cultural predominante na década anterior no qual os heterossexuais frequentavam os ambientes com homossexuais. Os shows, assim, perderam seu público, e a cena transformista foi se desestruturando. Uma reviravolta ocorre a partir da década de 1990, quando a cena midiática estadunidense causa grandes impactos na cena performática através de eventos determinantes na publicização de um novo padrão estético, com as músicas de RuPaul nas rádios, em 1993; o lançamento do filme, em 1994, Priscila, a Rainha do Deserto com direção de Stephan Elliot; e, em 1995, Para Wong Foo, Obrigada por Tudo! Julie Newmar, com direção de Beeban Kidron. Enquanto Priscila, a Rainha do Deserto, teve seu lançamento em circuitos alternativos, Para Wong Foo, Obrigada por Tudo! Foi lançado no circuito de cinemas de shopping mais mainstream.

É a partir desse período que a cultura drag, tal qual a compreendemos hoje, passa a existir no Brasil [...]. Essa profunda repaginação da estética e da cultura drag ocorreu não apenas por influência das tendências internacionais vindas com produtos midiáticos, mas também visando a busca por sobrevivência por meio de uma reformulação cultural que estivesse mais alinhada às novas demandas das casas noturnas. Isso porque, quase simultaneamente, houve uma mudança do paradigma musical em que a música eletrônica passa a reger as casas noturnas e o DJ passa a ser a figura central da noite (BRAGANÇA, 2019, p.536).

Se até então, as drags estavam restritas às casas voltadas ao público LGBT, a partir dos anos 1990 elas vêm sendo absorvidas pelo mainstream, por meio de eventos de ativismo, mídia e pela cultura pop. Campanela (2017) associa a popularização das drags queens no Brasil, especialmente ao sucesso do reality show de talentos do americano *RuPaul's Drag Race*, realizado pela produtora World of Wonder e estreado em 2009. Popularizado no Brasil e exibido em canais a cabo, como Multishow e Comedy Central, na internet, em ferramentas online para acompanhar o programa e em ferramentas de busca de conteúdo pirata, além da netflix, o programa exhibe a cultura drag e traz relatos da vida real dos personagens. Este programa Inúmeras drags, as queens Penelopy Jean, Lorelay Fox e Ravena Creole consideram esse programa como um “divisor de águas”.

O *reality* procura por uma *drag queen* que consiga receber o título de “America’s Next Drag Superstar”, com base em uma competição na qual são testadas habilidades de canto, dança, costura, humor e personalidade, por uma banca de jurados que auxiliam o



---

apresentador RuPaul<sup>6</sup> no veredito final. “Além de disseminar a cultura gay e a arte das drag queens, o show tem aberto possibilidade e espaço para vários artistas drags poderem ser vistos e reconhecidos por seus trabalhos” (AMANAJÁS, 2016, p.19).

No Brasil o reality show *Drag Me As a Queen*, que estreou no dia 20 de novembro de 2017 no canal E!, é o primeiro programa brasileiro a ter *drag queens* como apresentadoras. Podemos dizer que seu aparecimento se relaciona com o sucesso que o programa *RuPaul’s Drag Race* teve em terra tupiniquim. Com apresentação das drag queens Penelopy Jean, Rita Von Hunty e Ikaro Kadoshi, o programa objetiva ajudar mulheres em crise a libertar a *queen* que existe dentro delas, transformando-as a partir de seus próprios gostos. O programa ouve as histórias, memórias, frustrações, sonhos e ambições das convidadas que eram transformadas em divas numa construção feita pelas três drags apresentadoras. “O objetivo é levantar a autoestima das mulheres numa dinâmica lúdica e animada, com maquiagem, figurino e performance” (CASTRO, 2020). A atração não apenas seguiu a tendência de inserção midiática do fenômeno drag, como também aumentou o seu espaço, fazendo grande sucesso no canal, que passou a ser será transmitido em toda América Latina e México<sup>7</sup>.

Há um reavivamento cultural drag nos espaços midiáticos nos últimos anos, no qual drag deixa de ser algo visto apenas em redutos alternativos e passa a fazer parte do *mainstream*. Na cena midiática musical brasileira, cantoras drag como, Pablo Vittar, a rap Gloria Groove e Mc Linn da Quebrada fazem sucesso. Além do reality americano RuPaul’Drags Race e do brasileiro *Drag Me As a Queen*, ainda há “um universo de 61 canais, sendo que alguns são protagonizados por coletivos, como no caso do Drag-se, logo, nesse âmbito transitam mais de 61 drags” (OSTRUCÁ, 2020, p.17). Rita Von Hunty aparece então como uma drag que se insere em diversos segmentos midiáticos que vão desde reality show, seu canal no Youtube “Tempero drag”, a colunista na Boitempo e participação em diversos canais de Youtubers de esquerda, jornalistas e artistas.

---

<sup>6</sup> Bragança da Fonseca (2019, p.82-83) observa que a carreira de RuPaul Charles foi marcada pela indústria do entretenimento e show biz, sendo “a primeira drag queen a alcançar notoriedade fora do circuito LGBT com seu hit Supermodel (You Better Work) de 1993. RuPaul foi também vocalista da banda Wee Wee Pole, ator em mais de 50 filmes e seriados, além de jurado e apresentador em diversos programas televisivos. Gravou também a música Don’t Go Breaking My Heart Em sua carreira, a drag já gravou mais de 14 álbuns, escreveu dois livros e possui, inclusive, uma estátua no mundialmente conhecido museu de cera Madame Tussaud’s e uma estrela na calçada da fama. Em 2016, alcançou um novo pico em sua trajetória quando foi o vencedor do Emmy na categoria apresentador de reality show”.

<sup>7</sup>“Reality brasileiro com drags será exibido em outros países”. 01 mar. 2018. Disponível em <https://revistaquem.globo.com/TV-e-Novelas/noticia/2018/03/reality-brasileiro-com-drags-sera-exibido-em-outros-paises.html>. Acesso em: 26 out. 2020.

## UMA BREVE INCURSÃO POR RITA VON HUNTY

Guilherme Terreri Pereira, nascido em Ribeirão Preto, interior de São Paulo em 17 de outubro de 1990 é professor, ator, Youtuber, comediante e *drag queen*. Formado em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), e Letras pela Universidade de São Paulo (USP), sua paixão pela dramaturgia o incentivou a criar Rita Von Hunty. Guilherme mudou-se juntamente com sua mãe para São Paulo em 2011 para que ela pudesse tratar um câncer. Explica ele ao jornal do Campus da USP em novembro de 2015:

larguei toda a minha vida no Rio de Janeiro para vir ficar com ela. Aí, em 2012, minha mãe faleceu, e eu não sabia o que fazer: se voltava, se começava uma vida nova por aqui. Acabei sentindo mais vontade de ficar, para ficar próximo ao meu irmão. Mas o bichinho do teatro, depois que te morde, você nunca mais deixa de lado. Por menos que você queira, uma vez atuante, sempre atuante (MERES, 2015).

Rita Von Hunty aparece como notícia no meio digital pela primeira vez em setembro de 2013, no site da Revista Época, na seção Guia de festas e baladas, sendo citada como uma das atrações que animaria a festa pop Recalque, em São Paulo. Volta a cena do noticiário em outubro de 2015 como uma das atrações do Programa Xuxa, na rede Record de televisão. O site R7 (XUXA, 2015) mostra sua participação interpretando o clássico Dancing Queen do grupo ABBA, apresentado no Programa da Xuxa.

De modo geral, as reportagens analisadas introduzem Guilherme, explicando como ele aparece no cenário midiático, como uma *drag queen*, e também quais as suas inspirações para compô-la. Segundo o site Catraca Livre (2016), a personagem Rita participou do reality da web (Youtube) Academia de Drags, um programa similar ao americano Rupaul's Drag Race, participando de uma competição para eleger a melhor drag do Brasil.

Foi no carnaval de 2013 que Rita Von Hunty debutou para a cena drag de São Paulo, e dessa forma, segundo Guilherme, começou a se profissionalizar, sendo convidada para participar de uma festa. A inspiração para Rita vem do reality show RuPaul's Drag Race. Para Guilherme, foi sua admiração artística por uma das participantes, Carmen Carrera, que durante a temporada se descobriu mulher transgênero e por sua performance cênica tão verdadeira, incentivou-o na construção de Rita.

---

Rita Von Hunty é um nome inspirado na atriz Rita Hayworth e na dançarina burlesca Dita Von Teese. Outras inspirações vem das atrizes Jean Harlow, Joan Crawford e Sophia Loren. Guilherme diz que tem “alma meio de velho” e levou isso para Rita, uma dona de casa vintage, com visual inspirado nas atrizes de Hollywood e nas pin-ups dos anos 40, 50 e 60. Compara Rita a Betty Boop, “estonteantemente bonita”. Outras nuances de Rita vem da avó, que era sempre impecável na roupa e maquiagem e de sua mãe, a qual “tinha um humor muito mordaz, um sarcasmo afiadíssimo, uma ironia”, conta ao Jornal do Campus (MERES, 2015). “Esse humor mordaz, que machuca, me interessa muito. O Gil Vicente falava que através do riso se critica a moral, se criticam os costumes. E eu sempre achei que ele estava muito certo, que o riso é uma arma política fortíssima” (MERES, 2020).

Abordada por uma produtora de vídeos, Rita é convidada para estrelar um canal de programa na plataforma digital Youtube. A proposta de conteúdo foi da própria Rita “só se for um programa de culinária”. Assim nasce em 2015 o *Tempero Drag*, um programa de culinária vegana, apresentado por uma *drag queen* fazendo um “humor crítico e politicamente incorreto” (MERES, 2015), declara o ator ao jornal. Feito de maneira improvisada e com a participação de convidados, alguns episódios na época da reportagem já contavam com mais de 20 mil visualizações.

Guilherme relatou ao jornal Folha de São Paulo (GUARALDI, 2016) que desde os seis anos é vegetariano, e em 2015 passou a ser vegano e que o *Tempero Drag* foi um projeto autoral, mas que sua produção é um processo colaborativo. Guilherme desenvolve seu personagem com as leituras, reflexões e o conhecimento que adquiriu como aluno na USP. Rita problematiza em suas falas questões sobre política, gênero, sociedade, comportamento, cultura hegemônica que são temas de sua vida universitária. “Bebo muito da USP” (GUARALDI, 2016), afirma Guilherme.

No final de 2016 Rita foi selecionada para ser uma das três drags apresentadoras da primeira temporada do reality show brasileiro *Drag Me As a Queen - Uma diva dentro de mim!*, produzido pelo Canal de televisão E!. Segundo a revista Quem (2018) o programa foi transmitido para toda a América Latina e México. Em declaração a revista, Rita disse que foi dublada em espanhol e inglês e que a repercussão do programa foi muito positiva.

Em 2018, com o programa *Drag Me As a Queen* no ar, Penelopy Jean, Rita von Hunty e Ikaro Kadoshi apresentadoras do programa, foram destaque na mídia digital no

Brasil e da América Latina. Conforme o site Notícias da TV Uol (CASTRO, 2018), as três drags foram as mais vistas do canal de televisão E!, o que levou a emissora a renovar o contrato para duas novas temporadas.

Em fevereiro de 2019, o site ObservatórioG, publicou uma entrevista com Rita. A reportagem citou que o canal Tempero Drag naquele momento possuía 50 mil seguidores. Segundo a personagem, além do canal no Youtube, outro projeto que realiza é o Curso Revolucionário de Rita von Hunty, onde trata sobre assuntos dos mais variados, "permeados por um fio condutor, que é a implicação social dos nossos moldes e modelos de vida – analisados sob perspectiva dialética, materialista e historiográfica, sem nunca perder o bom-humor e a acidez que lhe são característicos”.

O site CartaCapital (PUTTI, 2019), publicou uma notícia com a apresentadora em julho e revelou que o canal de Rita no Youtube iniciou falando sobre comida vegana e que aos poucos foi indo para temas como feminismo, empoderamento e LGBTfobia, e que em seus cursos pelo Brasil, aborda temas sobre política, filosofia e sociologia. No vídeo publicado na página, Rita explica sua trajetória e seu entendimento sobre drag queen, gênero, feminismo, preconceito e sobre a política do presidente Bolsonaro, que tem inserido falas deste em 2011 sobre negros e homossexuais. A entrevistada se expressa sobre seu canal no Youtube e sobre seus cursos. Nas palavras de Rita:

...eu comecei a perceber que o meu discurso e a minha voz reverberavam em algumas pessoas. Depois do reality, eu começo o meu canal do Youtube, que começou há muito tempo atrás como um canal de culinária vegana, só que algumas coisas aconteceram no âmbito da política né e eu vi uma necessidade muito gritante de começar a falar sobre coisas que me eram muito caras mas me eram muito urgentes. Os cursos da Rita, eles são o resultado da minha vivência, da minha vivência política, da minha vivência artística, a vivência como docente, da minha vivência como educador. Fora da drag eu pesquiso e dou aula, fora da drag eu estou preocupado com entender para quais rumos a gente está caminhando como sociedade, quais são os projetos de nação que a gente um dia teve ou ainda tem ou pode no futuro vir a ter. Então a Rita ela é uma ferramenta que eu encontrei para dialogar com o público maior. Então dentro da sala de aula eu tenho um alcance. De peruca batom e na internet eu tenho outro. Tudo que eu fiz foi achar uma forma de usar a minha ferramenta como um veículo para as minhas ideias e para o meu discurso. E o curso da Rita é o resultado disso. Ele é um meio através do qual eu posso tirar um debate, que às vezes fica restrito dentro da academia e torná-lo mais democrático mais acessível mais vivo e mais reverberante nas pessoas (PUTTI, 2019).

A matéria publicada pelo site da revista Claudia (PAIVA, 2019) diz que Rita trata temas complexos com leveza:

---

Com tantas citações de obras de literatura, teatro, sociologia, antropologia e política, os vídeos do canal *Tempero Drag*, no YouTube, poderiam até vir acompanhados de uma lista de referências bibliográficas nos melhores moldes acadêmicos” Guilherme afirma que usando bibliografias e não achismos ele consegue tornar o debate acadêmico mais acessível.

No decorrer do texto o ator conta que uma drag falando sobre temas intelectuais desperta muito mais atenção do que público do que homens brancos heterossexuais fazendo discursos. Comentou ainda que passou por uma crise sobre continuar se montando, pois não gostava de passar as noites acordado para fazer performances da personagem, ficou em dúvida na continuação da personagem, quando então uma amiga deu a ideia de colocá-la no papel de professora. "O cerne da questão é o entendimento de que a drag é forma, não é conteúdo. E fazer drag é a forma para acessar um conteúdo, mas se a sua drag é só forma, não tem conteúdo, então ela não tem nada pra oferecer, ela tá vazia" (PEREIRA, 2016). Foi a forma que encontrou para não abandonar a peruca e o gosto por ensinar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do levantamento do material e das análises realizadas, verificamos que há uma considerável inserção midiática no Brasil sobre o fenômeno *drag queen*, que passa a ser visto como uma performance de gênero, uma identidade transitória adotada pelos artistas que buscam desempenhar um papel. Rita pertence a um fenômeno recente que é da expansão cultural drag nos espaços midiáticos mainstream, apresentando-se não apenas como uma ativista política, como costuma dizer, mas também como uma professora e intelectual muito atuante.

Percebemos uma junção entre o entretenimento e a divulgação de questões relacionadas com o meio acadêmico. Sua proposta política é apresentada não apenas a partir de sua performance de gênero, fazendo-nos pensar, através de sua montagem e estilização, a fluidez das identidades, mas também por marcar um território a partir de um discurso político bem definido, no caso, o marxista. A reportagem da Revista Piauí sobre Rita Von Hunty é elucidativa quanto a esse aspecto quando a descreve:

Ela veste saia branca que deixa ver os joelhos e uma blusa de listras azuis e brancas colada ao corpo. Do lado esquerdo do peito, um broche com o símbolo do comunismo: a foice e o martelo. É magra e tem 1,80 metro de altura, descontado o salto. Seu rosto aquilino está bem emoldurado por uma peruca volumosa, de cabelos ondulados como os das pin-ups dos anos 50 – uma paixão da drag. Daí o prenome,

---

homenagem à atriz americana Rita Hayworth, como o “von” é uma vênua à dançarina burlesca Dita Von Teese. O sobrenome, 'Hunty', vem de uma gíria usada pelas drags americanas para expressar admiração ou carinho. (LISBOA, 2019)

Rita é uma representação feminina glamourosa, afável, provocante e sensual, como as *pin ups* nas quais Guilherme se inspira. Suas ironias, piadas desconcertantes, inteligência e um amplo repertório acadêmico, que a faz discutir com desenvoltura sobre uma diversidade de temas, rompe com uma construção normativa alicerçada no pressuposto de que o gênero feminino não pode ter voz, não pode ser inteligente, especialmente ser for atraente. Louro (2016), numa perspectiva *queer*, entende que as *drags queens* subvertem a idéia de gênero quando, através de sua montaria, demonstram que os gêneros e a identidade sexual não são naturais. Apesar desta contradição, Rita não é uma personagem desordeira e estranha. Podemos conjecturar que mesmo representando um modelo afável e palatável, Rita, em sua imitação do feminino, ainda assim, pode ser revolucionária, porque as mudanças são provocadas pelos afetos.

A cena midiática pela qual a professora intelectual *drag queen* Rita Von Hunty parece se inserir tão bem talvez seja devido a junção entre duas propostas à primeira vista excludentes: o mundo do espetáculo e o universo acadêmico, pois, se “(...) as opiniões são do Guilherme, a Rita é a forma de apresentá-las”, como enfatiza o mesmo (PAIVA, 2020). Afinal, trata-se de divulgar e discutir temas caros ao pensamento filosófico e social a um público muito amplo com um “tempero *drag*”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMANAJÁS, Igor. Drag Queen: um percurso histórico pela arte dos atores transformistas. **Revista Belas Artes**, 16ª edição, São Paulo, 2015. Disponível em: [<http://bit.ly/2xSbKyb>]. Acesso em: 22 abr 2020.

APRESENTADORA do Drag me as a Queen, Rita von Hunty avalia cenário brasileiro: “A sociedade ainda não tem uma ideia formada a respeito da drag”. Entrevista concedida ao site **ObeservatorioG**. 04, fev. 2019. Disponível em: [<https://observatoriog.bol.uol.com.br/destaque/apresentadora-do-drag-me-as-a-queen-rita-von-hunty-avalia-cenario-brasileiro-a-sociedade-ainda-nao-tem-uma-ideia-formada-a-respeito-da-drag>]. Acesso em: 20 set. 2020.

AUGÉ, M. **Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papius, 2012.

BRAGANÇA, Lucas. Fragmentos da babadeira: história drag brasileira. **Reciis – Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde**. 2019 jul.-set.;13(3):525-39. Disponível em: [[www.reciis.icict.fiocruz.br](http://www.reciis.icict.fiocruz.br)]. Acesso em: 15 out. 2020.



BRAGANÇA DA FONSECA, Lucas. BraDrag : Corpo, Mídia e Afeto / Lucas Bragança da Fonseca. **Dissertação** (Mestrado em Comunicação e Territorialidades) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes, 2019.

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BURIGO, Joana. Uma reflexão sobre 'RuPaul's Drag Race'. Revista Carta Capital. 2016. Disponível em: [ <http://bit.ly/2vCI7fn> ]. Acesso em: 23 out. 2020.

CAMPANELA, Nathalia. O ato político atrás da drag queen: desmontando o essencialismo dos gêneros. **Dissertação de Mestrado**. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, 2017.

CASTRO, Daniel; PERLINE, Gabriel. Drags do Brasil superam Kardashians e lideram audiência de canal da TV paga. **Uol**. Ed. 31 out. 2018. Disponível em: [ <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/drag-queens-do-brasil-superam-kardashians-e-lideram-audiencia-de-canal-da-tv-paga--23030?cpid=txt> ]. Acesso em: 20 set. 2020.

COM PITADAS de humor, drag queen ensina receitas veganas no Youtube. **Catraca Livre**, 19 jan. 2016. Disponível em: [ <https://catracalivre.com.br/criatividade/com-pitadas-de-humor-drag-queen-ensina-receitas-veganas-no-Youtube/> ]. Acesso em: 19 set. 2020.

CHIDIAC & OLTRAMARI. Ser e estar drag queen: um estudo sobre a configuração da identidade queer. **Estudos de Psicologia** 2004, 9(3), 471-478. Disponível em: [ <https://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n3/a09v09n3.pdf> ]. Acesso em: 22 ag. 2020.

GUARALDI, Bibiana. Canais de drag queens no Youtube vão além de tutoriais de maquiagem. Caderno Tec. Seção Criadores Digitais. **Folha de São Paulo**, 28 agos. 2016. Disponível em: [ <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2016/09/1817340-canais-de-drag-queens-no-Youtube-vaio-alem-de-tutoriais-de-maquiagem.shtml> ]. Acesso em: 20 set. 2020.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília: Publicação online, abr. 2012. Disponível em: [ [http://www.sertao.ufg.br/up/16/o/orientacoes\\_populacao\\_trans.pdf?1334065989](http://www.sertao.ufg.br/up/16/o/orientacoes_populacao_trans.pdf?1334065989) ]. Acesso em: 20 de out. 2020.

LISBOA, Daniel. Foice, Martelo e Peruca: Uma drag queen comunista. Coluna Esquina. **Revista Piauí**, Edição 151, abr. 2019. Disponível em: [ <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/foice-martelo-e-peruca/> ]. Acesso em: 02 out. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria** queer. 3ª. Ed. Edição do Kindle. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

MARCONDES FILHO, C. Haverá vida após a internet? **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, nº 16, dezembro 2001. Disponível em: [ <file:///C:/Users/tarcy/Downloads/3136-Texto%20do%20artigo-10508-1-10-20080410.pdf> ]. Acesso em: 22 jul. 2020.

MERES, Juliana. Aluno da FFLCH dá vida a drag queen. **Jornal do Campus USP**. 05 dez 2015. Disponível em: [ <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2015/11/aluno-da-fflch-da-vida-a-drag-queen/> ]. Acesso em: 19 set. 2020.



---

OSTRUCA, Douglas Henrique. Tutoriais em (des)montação: uma cartografia de corpos eletrônicos drag na plataforma. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Porto Alegre, 2020.

PAIVA, Letícia. Conheça Rita von Hunty, a drag queen que ensina sociologia no Youtube. Site da **Revista Claudia**. Editora Abril. Atualizado em 17 fev 2020 - Publicado em 20 out 2019. Disponível em: [<https://claudia.abril.com.br/sua-vida/conheca-rita-von-hunty-a-drag-queen-que-ensina-sociologia-no-Youtube/>]. Acesso em 20 set. 2020.

PUTTI, Alexandre. Um professor de política drag queen? Conheça Rita von Hunty. **CartaCapital**. Diversidade. 23 jul. 2019. Disponível em: [<https://www.cartacapital.com.br/diversidade/um-professor-de-politica-drag-queen-conheca-rita-von-hunty/>]. Acesso em 20 set. 2020.

REALITY brasileiro com drags será exibido em outros países. Entrevista concedida a edição virtual da **Revista Quem**. Seção TV e Novelas. 01 març. 2018. Disponível em: [<https://revistaquem.globo.com/TV-e-Novelas/noticia/2018/03/reality-brasileiro-com-drags-sera-exibido-em-outros-paises.html>]. Acesso em 19 set. 2020.